

instituição

III Encontro de Literatura e Cultura no Espaço Ibérico Acabar com os sebastianismos literários

Três dias de reunião em torno das letras e da cultura Ibérica. Portugueses e espanhóis encontraram-se na UBI, pelo terceiro ano consecutivo, a fim de estabelecer pontes entre duas línguas e duas culturas tão diferentes, mas que, afinal, também têm muito em comum. Este encontro ficou marcado por várias manifestações culturais de âmbito ibérico e também pelo lançamento do quarto número da revista "A Beira".

Rosa Ramos



O III Encontro Ibérico ficou marcado por várias manifestações culturais

A terceira edição do Encontro de Literatura e Cultura no Espaço Ibérico da UBI ficou marcada, este ano, e numa altura em que o universo dos licenciados em letras atravessa uma situação algo difícil, pela notícia de que farão parte integrante da licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas (LCP) as especializações em Escrita Criativa e Gestão Cultural.

A Linguística, a Narrativa, a Tradução, os Novos Horizontes da Literatura, as suas relações com a Cultura, a Poesia e os Jovens Autores foram os temas que assumiram papéis de destaque na edição do encontro deste ano. A par das conferências com portugueses e espanhóis ligados às letras, do Encontro Ibérico de 2005 constou, ainda, a inauguração de uma exposição dedicada ao poeta andaluz Luis Cernuda, o lançamento da revista "A Beira" da responsabilidade do Departamento de Letras e também um concerto com Luisa Beirão, do coro do Teatro Nacional de S. Carlos, no Fundão.

O Fundão foi, aliás, o local escolhido para a realização do terceiro dia do Encontro de Literatura e Cultura no Espaço Ibérico. "Tivémós, por parte da Câmara do Fundão, desde o primeiro encontro, um apoio financeiro que retribuimos desta forma", explica Maria Antonieta Garcia, presidente do Departamento de Letras da UBI e responsável pela Comissão Organizadora.

Reflexo do espírito hispânico que existe na UBI, este III Encontro de Literatura e Cultura no Espaço Ibérico contou com a participa-

ção, na Sessão Inaugural, do reitor da UBI, Santos Silva, a Conselheira da embaixada de Espanha em Lisboa, e o Director do Instituto Cervantes.

Com o objectivo de descobrir relações, possibilidades de cooperação e lançar pontes entre as duas culturas peninsulares, este III Encontro Ibérico, que reuniu professores, poetas, intelectuais e escritores portugueses e espanhóis mostrou que a formação não pode limitar-se às paredes das salas de aula. Maria Antonieta Garcia, já no final da conversa com o URBI, referiu que este intercâmbio entre os dois países é de extrema utilidade. "Queremos que se mantenha e que se concretize em projectos de investigação", conclui.

Quarto número de "...À Beira" lançado durante o Encontro

A revista "...À Beira", que já vai sendo uma tradição do Departamento de Letras, foi lançada no segundo dia deste III Encontro Ibérico. Apontando para novos caminhos das letras, esta quarta edição, que promove e aproxima estudos científicos entre Portugal e Espanha, constitui um incentivo maior à criatividade dos autores.

Deste quarto número da revista constam as actas do "II Encontro de Literatura e Cultura no Espaço Ibérico" celebrado nos dias 30 e 31 de Maio de 2004. Ainda no campo da Literatura, nele se publicam fragmentos de romances de Mário Cláudio, que se relacionam, em muito, com a realidade espanhola. Dividida em seis partes distintas, da revista constam Estudos Lingüis-

ticos de José Ferreras Estrada e Juan Carrasco González, poesia de autores como Rita Tabor da Duarte, Gastão Cruz, Jesús Losada, Joan Gonper, Juan Antonio González Iglesias e Nuno Júdice, Estudos Culturais de António dos Santos Pereira e Fernando Augusto Machado. No domínio da ficção, figuram na revista do Departamento de Letras textos de Gabriel Magalhães, Mário Cláudio e Paloma Diaz-Mas. Os jovens autores não foram esquecidos nesta quarta edição. Deste modo, Andrés Neuman, Antonio Lucas, Gonçalo M. Tavares, Miriam Reyes, Pedro Sena Lino e Rafael Dionísio publicam textos diversos, desde a poesia ao conto. "Correr atrás da lua perdida" é a particularidade desta edição. Trata-se de uma experiência surrealista realizada pelos alunos finalistas de LCP em 2004, em forma de poesia.

Exposição "Luis Cernuda (1902-1963)"

Iniciativa da Junta de Andalucía, em colaboração com o Centro Andaluz de las Letras e a Residência de Estudantes, a exposição "Luis Cernuda (1902-1963)" pretende celebrar a memória deste poeta andaluz da geração de 1927. Deste modo, e até dia 26 deste mês, estarão no Museu dos Lanifícios 29 painéis, que propõem uma visita ao interessante percurso do autor. Integrada no programa do III Encontro de Literatura e Cultura no Espaço Ibérico, a exposição inicia-se com dois painéis onde se encontra uma cronologia completa, elaborada por James Valender, comissário da exposição. Os restantes 27 painéis apresentam um resumo biográfico do poeta, com uma secção dedicada à reprodução de quatro poemas do autor que se intercalam com o argumento da exposição. O texto entrelaça-se, deste modo, com reproduções fotográficas que ilustram o trajecto de vida do poeta ao longo de todos os painéis.

Reproduções fiéis de manuscritos, resumos, documentos pessoais, cartas e primeiras edições dedicadas também constam da exposição. Todos estes elementos permitirão, a quem visita, seguir a biografia de Cernuda, desde Sevilha (a sua terra natal) até ao México, onde acabaria por morrer, em exílio, passando por uma aproximação ao universo deste autor, que produziu uma das poéticas mais sólidas do século XX e que esteve em destaque no Encontro Ibérico.

ponto de vista

A UBI e o futuro da Covilhã

> João Carlos Correia

Há coincidências que podem ser o mote de um artigo de opinião. O 30 de Abril (Aniversário da UB) e o 1º de Maio (Dia do Trabalhador) sucedem-se no calendário. Isto, na Covilhã, significa muito.

O Primeiro de Maio é uma data que vem da revolução industrial. Está ligada às lutas sociais pelos direitos dos trabalhadores no tempo das indústrias pesadas. Na Covilhã, nesse tempo que expirou mais ou menos no início da década de 80 do século passado, não se conseguia falar na rua por causa do barulho dos teares (não era em todas as ruas mas, em algumas, era mesmo assim). Os operários têxteis (alguns milhares entre tecelões, tintureiros, debuxadores e outras profissões mais ou menos especializadas que hoje laboram em condições muito diferentes) participavam num conjunto de festividades que assinalavam a conquista de regalias sociais ou, então, manifestavam-se para protestarem contra a ausência de outras.

A UBI, que comemorou o seu aniversário, é uma realidade do final do primeiro milénio. Está ligada à terciarização da sociedade. Apesar de originalmente estar ligada à produção de quadros para a indústria têxtil, tornou-se uma Universidade plural e completa. Está também ligada às Novas Tecnologias, às Artes e às Letras, à Medicina e às Ciências Sociais.

A UBI é talvez o símbolo que, na Covilhã, assinala melhor alguns traços do segundo milénio: o acesso à sociedade da informação e do conhecimento e o desenvolvimento das novas tecnologias. Muitos destes saberes têm hoje aplicação na indústria, mesmo naquela indústria tradicional que se orienta por novas condições de gestão e de produção e que, felizmente, também ainda tem alguns exemplos na Covilhã.

Nesse sentido, a UBI é uma ponte entre o passado – bem representado pelo magnífico Museu Têxtil – e o futuro, ainda cheio de incertezas e de inseguranças, mas para o qual é a única instituição covilhanense vocacionada para estudar e propor soluções planeadas.

Sabemos todos que muitos dos problemas sociais (como o desemprego e a desigualdade) não terminaram com a decadência das sociedades industriais e dos sectores tradicionais que lhe estavam associados. É provável que a resposta possível passe também pela busca de novos modelos de desenvolvimento em que o capital tecnológico, a informação e a comunicação rápidas, o conhecimento e a capacidade de inovar se tornam impossíveis de ignorar.

A Covilhã Industrial e a Covilhã Universitária, a do passado (que se deve honrar) e a do futuro (que é preciso construir) devem andar de mãos dadas. O símbolo dessa relação devia traduzir-se num acolhimento activo da Universidade pela cidade. A política da autarquia deveria ser a expressão desta união.

Infelizmente, nem sempre a Covilhã velha compreende a Covilhã Nova. Há empregadores na Covilhã que desprezam os Licenciados da UBI, os mesmos que são aceites em empresas de maior dimensão e sabedoria estratégica. A Covilhã está habituada a isso. Há um velho ditado que dizia que a cidade era madrasta para os da terra. Alguns dos responsáveis da Covilhã Nova ainda transportam uma incapacidade para se adaptarem ao presente e ao futuro. Para além das rotundas: a Covilhã merece uma estratégia de modernização e afirmação no contexto da Região. Desde a qualidade de vida que proporciona às populações e a capacidade de atracção e fixação de quadros à análise das questões do crescimento urbano. Para além das rotundas, há mais mundo.

PS: Na hora em que escrevia este texto, um incêndio na parte velha da cidade lembra a necessidade de ser urgente promover uma recuperação daquela zona. Além da qualidade de vida dos que aí moram, há estratégias de animação da vida da cidade que mereciam ser pensadas. De preferência, antes das chamas.

A UBI é talvez o símbolo que, na Covilhã, assinala melhor alguns traços do segundo milénio: o acesso à sociedade da informação e do conhecimento e o desenvolvimento das novas tecnologias.